

MODERNIDADE E FUTEBOL EM SÃO PAULO NO INÍCIO DO SÉCULO XX

Como eixo central deste trabalho, pretendo mostrar a relação entre o futebol e o mundo urbano em construção na cidade de São Paulo, no início do século XX, vislumbrando como a questão da identidade paulistana, ou uma das formas de identidade, construiu-se nesse contexto.

Partindo do princípio que o futebol é um elemento integrante do contexto social mais amplo, capaz de apresentar, refletir ou representar uma série de fenômenos do universo social do qual faz parte, entendemos que tal esporte desenvolve-se ou é resultado do momento em que as cidades urbanizam-se em uma perspectiva modernizante, baseada em práticas trazidas da Europa, que influencia esse universo durante o período analisado. Para Michael de Certeau, existem centros produtores de modelos culturais que, em contato com outros centros, produzem uma apropriação cultural que representariam novos modelos culturais (CERTEAU, 1994: 47-106).

A virada do século XIX para o XX representa um novo momento para a cidade de São Paulo. O centro urbano passou por um processo de crescimento que transformou uma vila rural em uma grande metrópole. A cidade de São Paulo possuía, em 1894, por exemplo, o número de 5.019 operários empregados no setor têxtil (RAGO, 1997:580-581). Tais mudanças trouxeram uma nova mentalidade e prática que construíram redes de sociabilidades resultantes desse novo contexto. O futebol articula-se a essa prática vivenciando as angústias individuais e coletivas de seus praticantes. O futebol articula-se com a História da cidade que se transfigurava de modo intenso. Seu estudo mostra-nos muito sobre a sociedade paulistana que se modernizava, contudo ela ainda era fortemente marcada por práticas sociais enraizadas em um passado colonial.

O estado republicano, instalado em 1889, caracterizou-se por um movimento de cunho liberal baseado no federalismo, no qual os grandes beneficiados eram as elites oligárquicas do país. Essa ação associava-se à outra de caráter autoritário ligada a um ideal de progresso positivista que pretendia conduzir uma mudança nos hábitos e na conduta moral da sociedade. Além disso, objetivava livrar-se do modelo patriarcal escravocrata representado na ordem

imperial e adotar padrões europeus em voga, considerados civilizatórios e que deveriam nortear a recente república.

São Paulo crescia impulsionada pelo café, a chamada locomotiva do Brasil, despontando indústrias e atraindo grandes contingentes compostos de uma população empobrecida e miserável, os quais chegavam à cidade vindos de todas as partes do Brasil e do mundo. A indústria vai ocupando espaço entre as ferrovias e as várzeas, valorizando e desvalorizando áreas em um processo de hierarquização do espaço urbano, promovendo uma distinção física e social entre os que usufruíam dos privilégios e os que deveriam suportar as contradições da vida urbana moderna. Antônio Prado Junior foi prefeito da cidade de São Paulo por 12 anos consecutivos a partir de 1899. Sua administração teve como ponto central transformar parte da cidade em um centro semelhante aos europeus. Mesmo que as obras da capital paulista não fossem do mesmo mote que as da capital federal, seus resultados não foram muito diferentes da carioca. Tais obras justificavam-se em virtude do inchamento da metrópole e da chegada de imigrantes e libertos que “poluíam” a paisagem da cidade. As obras de Prado Junior estabeleceram uma hierarquização da área geográfica da cidade de São Paulo, exportando uma série de elementos tidos como modernos, trazidos, a princípio, para que as elites desfrutassem de sua condição, entretanto a convivência inevitável com imigrantes gerou uma espécie de caldo étnico (MORAES, 1997) fermentado pelos intercâmbios culturais em um processo de circularidade cultural (GINZBURG, 1987). O memorialista Alfredo Moreira Pinto descreve a Rua 15 de novembro, em São Paulo, em 1900:

“O que, porém, dá a essa rua um tom alegre é a grande quantidade de famosas paulistas e italianas que percorrem-na em todas as direções, trajando, umas, ricas *toilettes*, outras, um vestuário mais simples, mas elegante, todas alegres, risonhas e distinguindo-se pela excessiva delicadeza e amabilidade com que se dirigem aos conhecidos que encontram” (Op. Cit. RAGO, 1997:586).

A poesia de Mario de Andrade nos anos vinte promovia a revolução que São Paulo experimentava. Uma poesia urbana, sintética, fragmentária e antirromântica, retratava uma nova cidade, concreta, cosmopolita, de uma população heterogênea, uma cidade moderna que representaria a libertação do indivíduo de uma vida provinciana. Diante do crescimento urbano vertiginoso das cidades brasileiras (Rio e São Paulo inicialmente), com grandes

contingentes de trabalhadores cada vez mais concentrados em bairros operários, surgiu uma nova geografia da cidade, agora dividida em áreas que esboçavam a clara separação entre pobres e ricos. Além disso, a urbanização, nos casos paulista e carioca, traz outros problemas de cunho social decorrentes desse processo, tais como: aumento de epidemias, violência, roubo, mendicância, loucos, prostitutas, menores abandonados, além de agitações políticas e sociais promovidas pelos anarquistas e socialistas (RAGO, 1997:588).

O historiador Nicolau Sevcenko (2003) observa que essa adaptação da ordem republicana ao capitalismo deu-se de forma autoritária e violenta, rejeitando o velho e condenando os hábitos e costumes ligados pela memória à sociedade tradicional. Negando todo e qualquer elemento de cultura popular que maculasse a imagem civilizatória dominante, pratica-se uma política de expulsão dos grupos populares da área central da cidade, que será isolada para desfrute das camadas burguesas. Dentro dessa lógica, o espaço público deveria ser remodelado para receber a sociedade civilizada, a sociedade das boas famílias. Para Robert Park (1976: 29), a cidade moderna deve ser vista não como um agrupamento de homens e instituições, mas sim como um estado de espírito, um conjunto de costumes e tradições, sentimentos e atitudes, algo envolvido no processo de vida das pessoas que a compõem.

Nesse contexto, as práticas esportivas tornam-se um elemento desse processo civilizatório. Cidades como o Rio de Janeiro e São Paulo começam a vivenciar um crescimento das modalidades esportivas ratificado por discursos médicos e pedagógicos sobre as vantagens da prática de esporte para o corpo e o caráter dos indivíduos. O futebol como o remo, a ginástica sueca e rítmica, o ciclismo, as provas de natação, o pedestrianismo, as lutas, a esgrima, as corridas de automóveis, o cricket, entre outros esportes surgiram na virada do século XIX para o XX e passam a fazer parte dessas novas experiências da vida urbana. Essas atividades eram realizadas em locais próprios como: rios, lagos, praias, velódromos, campos de futebol, campos de cricket, ringues e quadras dos clubes fechados e reservados para um grupo distinto. O impacto dos esportes na vida social provocou uma mudança de costumes, alterando o padrão de beleza física e, aos poucos, as atividades esportivas foram aumentando seus espaços na vida urbana. Uma metrópole é mais que ruas e bairros, ela é o que as pessoas fazem nela. As práticas esportivas foram elementos da construção dessa cidade, que se

urbanizava e despertava a necessidade de novas redes de relações sociais. Em “Orfeu estático na metrópole” (1992), Sevcenko chama a atenção para o crescimento, em São Paulo, da indústria do espetáculo e dos grandes rituais coletivos que oferecem novas formas de sociabilidade com o objetivo de manter o controle. Um novo modo de vida baseado em referências europeias modernizadoras, os esportes, entre eles futebol, foram mais um elemento dessa modernização junto com a eletricidade, o automóvel, novas modas, privilégios de uma nova elite que podia desfrutar desses recursos. As elites trocam a vida fechada do mundo rural que tinha nas igrejas, o centro da vida social dos pequenos núcleos populacionais (vilas), pelas cidades modernas com seus teatros, óperas, confeitarias, restaurantes e cafés-concerto. Em São Paulo, o teatro São José, construído em 1876, exibia temporadas líricas muito concorridas pela elite local, além das exposições de cantores internacionais nos teatros Politeama, Santana e Municipal, este último construído em 1911. Nessa época, desenvolveu-se o gosto pelas corridas hípicas realizadas no hipódromo do jockey clube, na Mocca, que incluíam a presença de personagens como o escritor modernista Menotti Del Picchia nos anos vinte (RAGO, 1997: 586).

A vida noturna era muito animada e frequentada. No *Progreddior*, bar, confeitaria e restaurante, localizado na Rua 15 de novembro, reuniam-se as principais famílias enriquecidas e, geralmente, de origem imigrante que davam ao ambiente um ar distinto, onde se apresentavam grupos musicais. Nesses ambientes, podia-se assistir às mulheres de classe média deixarem as roupas sóbrias para vestirem-se à moda europeia, em especial, francesa. A frequência no hipódromo demonstrava a elegância de mulheres que encomendavam seus vestidos a costureiras francesas. O dinheiro para tais luxos vinha dos coronéis cafeicultores, que financiavam suas mulheres ou amantes. O padrão de beleza também mudou, as mulheres magras e altas com seus corpos expostos em um *maillot* vermelho, “passaram a ser sinônimo de mulheres ágeis, agressivas e independentes, mulheres modernas; uma versão corporal feminina ao culto do corpo saudável desenvolvida pelos *sportmen*¹” (Idem).

Os espaços paulistas reservados para a prática do futebol eram a Chácara *Dulley*, o Velódromo, o campo do colégio *Mackenzie*, o Parque Antártica, a Chácara da Floresta, o

¹ Ser um *sportman* ia além de praticar vários esportes e ter um corpo atlético, mas, através das práticas esportivas, inculcar valores pedagógicos disciplinares e morais.

Jardim América e as Várzeas do Carmo (STORTI & FONTENELLE, 1997:19-23) A Chácara *Dulley* localizava-se no Bom Retiro, era o campo do aristocrático São Paulo *Athletic*, clube inglês campeão das 3 primeiras edições do campeonato paulista (Idem:18). O Velódromo era um espaço ligado ao ciclismo. No final do século XIX, o ciclismo empolgou a juventude paulista, era um esporte elitizado em função do alto preço das bicicletas importadas. Antônio Prado Junior,² filho do conselheiro Antônio Prado e neto de D. Veridiana Prado, era um aficionado do esporte e fez com que o pai construísse um velódromo em um terreno cedido pela avó. Situava-se nas proximidades da Rua da Consolação, entre as ruas Florisbela, Martinho Prado e Olinda (hoje Nestor Pestana). A obra foi executada por Guiseppi Vacori por volta de 1892. Segundo o projeto de Tommazo Bezzi, o velódromo possuía uma raia elíptica de 380 metros por oito de largura, com um jardim no centro. Dois conjuntos de arquibancadas cobertas, uma em frente a outra construídas ao redor da raia com capacidade para até mil pessoas, além disso possuía uma quadra de tênis e tanques para banho (Idem:19). O Velódromo foi arrendado pelo *Club Atlético Paulistano*, e seu jardim foi transformado em gramado, onde ocorreram inúmeras partidas de futebol a partir de 1902, tornando-se palco de inúmeras vitórias desse clube. Em 1915, o Velódromo foi desapropriado para a abertura da Rua Nestor Pestana (MILLS, 2005).

Em 1902, a Cervejaria Antártica Paulista abriu uma área de 300 mil metros para lazer. Nesse complexo, foi feito um campo de futebol. Tal área ficou conhecida como Parque Antártica, uma referência em esportes ao ar livre como o boxe. O Parque foi o palco da largada e chegada da primeira corrida de automóveis da América do Sul, chamada de “circuito Itapeirica”. O clube alemão Germânia mandou lá seus jogos até a Primeira Guerra. Nesse período, o contrato foi passado para o América FC, clube de pequena expressão. Em 1917, o Palestra Itália passou a utilizá-lo e acabou comprando-o em 1920 com a ajuda da CIA Matarazzo (HELENA JUNIOR, 2002).

A Chácara da Floresta, próxima da Ponte Grande, junto ao Tietê, era o Campo da Associação Atlética Palmeiras, mas recebia com frequência jogos do Paulistano, sendo palco das finais do torneio paulista. Entretanto, o grande palco da CA Paulistano foi o campo do

² Antônio Prado Junior foi Prefeito do Distrito Federal durante o Governo de Washington Luis e, ainda, Deputado Estadual.

Jardim América, inaugurado em 1917, situado entre as ruas Honduras, Estados Unidos, Augusta e Argentina. Esse campo passou a ser a nova sede do Paulistano com a desapropriação do Velódromo; o campo tinha arquibancadas para 2000 torcedores e espaço para 13.000 pessoas³.

Esses espaços refletiam a realidade excludente que a República trazia. Apenas um segmento minoritário usufruía deles, era uma metáfora da condição política do país. Aristocrático e elitista, o futebol, era um esporte de bacharéis em um país desigual, um esporte de brancos em uma sociedade marcada pela escravidão, um esporte associado a ícones do progresso e da industrialização em uma economia agro-exportadora (FRANCO JUNIOR, 2007: 61). Os clubes fundados nesses locais tornam futebol um espaço privilegiado, longe do “povo”, buscavam colocar as pessoas “em seus devidos lugares”, reafirmando uma hierarquia social, separando ricos e pobres, brancos e negros, no caso paulista, em especial, paulistas e imigrantes. A cidade moderna era o palco em que a burguesia branca desfilaria. Nessa cidade, a população negra, mestiça e pobre não deveria ser parte visível deste novo mundo edificado nas obras modernizantes. Para Bourdieu, as classes dominantes costumam investir seu capital cultural para consolidar seu poder e, para tal, estabelecem estratégias de distinção, como forma de diferenciarem-se de grupos considerados inferiores (BURKE, 2005:78).

No discurso elitista da paulistanidade, o futebol era uma forma de demonstrar boa educação, um elemento da civilidade. Havia nele um ideal de respeito e “conduta exemplar” esperada por parte dos atletas e torcida, mesmo que, na prática, muitas partidas descambassem para a brutalidade, e o público fosse ruidoso e pouco disciplinado.

O futebol, entretanto, não surge só entre as famílias aristocráticas de origem inglesa, também se difunde entre as colônias de imigrantes italianos e portugueses⁴ e, ainda, nas fábricas e indústrias. Como na Inglaterra, foi estimulado pelo discurso de associações médicas como um esporte saudável, fazendo parte do receituário de uma vida civilizada e originando um tipo de homem que, nos anos seguintes, ficou conhecido como *sportman*.

³ Arquivo Paulistano.

⁴ Sobre o desenvolvimento dos clubes de colônia, cf. HOLLANDA, Bernardo B Buarque de. *O descobrimento do futebol – modernismo, regionalismo e paixão esportiva em José Lins do Rego*. Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional, 2004.

Apesar de caráter restrito, já se percebia que o futebol era algo maior, mais inclusivo do que essas elites podiam perceber. Monteiro Lobato, nos anos vinte, pregava o uso do futebol como prática da educação cívica de paulistanidade, em estrita ligação com os interesses dos emergentes segmentos dominantes de São Paulo. No entanto, para o autor, o futebol deveria ser uma moda que ocorreria paralelamente à reorganização, por parte dos imigrantes, de seu espaço social. O esporte percebido como importação direta não devia tornar-se uma cópia das tradições dominantes, mas alinhado com a preocupação da construção de uma identidade nacional (LOBATO, 1964: 186).

O movimento operário era muito forte e já se organizava. Em 1917, São Paulo contava com cerca de 500.000 habitantes, com um crescimento vertiginoso e não equilibrado. As fábricas foram lentamente tomando parte da paisagem da cidade. A situação do operariado paulista era das piores e as organizações sindicais operárias, constituídas em sua maioria de imigrantes espanhóis e italianos vinculados ao movimento anarquista, promoviam grandes greves por melhorias nas condições salariais. A greve de 1917, iniciada na Mooca, espalhou-se por outras fábricas, transportes urbanos e ferrovias (FAUSTO, 1976).

Não obstante, nem tudo era conflito. O futebol ganhava espaços nos setores populares, como percebia Lobato. Os clubes de fábricas espalharam-se pela cidade, era rara a indústria que não possuísse um time de futebol. Um dos clubes de fábrica mais famosos de São Paulo foi a Votorantim *Athletic Club*, fundado em 1902 como *Savoia Team*, iniciativa de engenheiros e técnicos ingleses da fábrica de tecidos Votorantim. Em 1909, a Rodolfo Crespi adquire uma tecelagem, criando um grêmio futebolístico que passou a chamar-se Crespi FC, o qual, anos mais tarde, deu origem (década de 30) ao Clube Atlético Juventos. Para Fátima Antunes, formou-se uma tradição de futebol amador nas fábricas, criada pelos próprios trabalhadores com o apoio da empresa, de forma material e financeira, o que possibilitou a continuação dessa iniciativa (ANTUNES, 1994:102-109). Monteiro Lobato, em 1921, publica “A onda verde”, em que aborda o futebol em uma de suas crônicas, espantado com sua disseminação pelo país:

“Era assombroso! Estávamos diante da maior revolução de costumes jamais operada em terras de Santa Cruz. E tudo por arte e obra de uma simples esfera de couro estufada de ar... Antes do futebol, só a capoeiragem conseguiu um cultozinho entre nós e isso mesmo só na ralé.

Teve seus períodos áureos, produziu seus Friedenreichs, e afinal acabou perseguida pelo governo, com grande mágoa dos tradicionalistas que viam nela uma das nossas poucas coisas de legítima criação nacional”⁵.

A busca pelo progresso era a mola mestra dos discursos e práticas empreendidos em São Paulo. O futebol fazia parte desse processo, acabando por retratar e contribuir com a construção dessa modernidade. Para Calazans Falcon, trata-se da modernidade de um “tempo novo”, que traz em seu bojo a “consciência de sua aceleração, a consciência de um presente que é vivido desde o futuro imediato e sentido como passado de seu próprio futuro” (FALCON, 1996: 132-133). Para ele, a modernidade constitui uma realidade multifacetada, “um autêntico jogo de luzes e sombras cujo *leitmotiv* é a aposta iluminista na razão, no progresso, na emancipação do homem, ou seja, em síntese, na História” (Idem). Nicolau Sevcenko, em “Orfeu Estático na Metrópole” (1992), reconstitui a dimensão que a ideia de modernidade alcançou na sociedade durante os anos 20, uma sociedade que se urbanizava de modo extremamente acelerado. A energia modernizada que perpassava a cidade era a força que seria capaz de emancipar e transformar o país, uma força moderna e urbana que orquestraria a civilização brasileira que se construía. Era necessário buscar as razões do atraso e tentar superá-lo vislumbrando a “possibilidade de o Brasil se constituir enquanto povo, isto é, enquanto nação” (ORTIZ, 1989). A interpretação do país passava pelo estudo do chamado “caráter nacional”, da formação de um Estado Nacional. Estado e raça traduziriam os dois elementos imprescindíveis para a construção da identidade brasileira. A missão da intelectualidade, nos anos 20 e 30, era encontrar uma identidade nacional que rompesse com um passado de dependência cultural. Vários trabalhos são produzidos, cujo eixo central era a busca dessa identidade através da reinvenção do passado e do fenômeno de mistura de raças que constituiu o povo brasileiro.

A hegemonia política e econômica do país estava em São Paulo, no setor cafeeiro e na política do café com leite. O discurso modernista fazia questão de ressaltar um novo tipo de brasilidade que demonstrasse tal hegemonia. A metrópole paulista necessitava de um padrão de identidade que emprestasse ordem, coesão e vigor àquela sociedade multifacetada e descontínua que surgia; afinal, um paulista só se torna um paulista se for capaz de se definir o

⁵ LOBATO, Monteiro. *A onda verde*. Monteiro Lobato Editora, 1921. In: GONÇALVES JUNIOR, 2008.

que é ser paulista. Era preciso que esses atores sociais (imigrantes, brasileiros de múltiplas origens) congregassem uma nova identidade comum, capaz de ser o elemento construtor do futuro (SEVCENKO, 1992). Era a chance de São Paulo vencer, a cidade que não parava de crescer, de forma caótica e fragmentada, acabava por estimular novos sentidos de coesão na construção da vida de seus habitantes. A busca de uma identidade paulista era parte da busca de uma identidade nacional. A aceitação da modernidade tornava necessário desvendar ou formular o que seria, afinal, este país. A vanguarda artística de 1922, identificada como Modernismo, buscava compreender e explicar o Brasil, além de tentar conjugar particularidades nacionais e tendências artísticas mundiais a partir de uma ótica que juntava uma herança cultural popular e os impulsos da modernização. Tratava-se de tentar entender o País para modernizá-lo. No futebol, esse contexto começa a demonstrar fissuras na característica elitista de seu início, já não era mais o esporte dos civilizados. Aos poucos, era recriado e incorporado pelo segmento popular dentro do espírito antropofágico do Modernismo.

Na construção dessa identidade, o passado é revisitado e revisto para autorizar a originalidade do futuro (SEVCENKO, 2002:230). O moderno traria a libertação, o estímulo à iniciativa, à ruptura de laços, à ousadia para superar um presente caótico. Um passado reinventado em direção a um futuro que se pretendia glorioso. O espírito do bandeirante paulista deveria continuar vivo até mesmo nos recém-chegados. O futebol fazia parte disso, com seus ídolos e seus sentidos modernos e civilizatórios, acabou por ser uma peça a mais nesse discurso, principalmente quando a seleção paulista ou seus clubes conseguiam vitórias sobre os seus rivais, em especial, os do Rio de Janeiro, ou nos gramados internacionais, como fez o C. A. Paulistano, em sua vitoriosa excursão à Europa, em 1925, sendo seus jogadores aclamados como os novos reis do futebol, simbolicamente capitaneados pelo mulato Friedenrich. Tais vitórias eram mais um elemento na afirmação da grandeza paulista.

BIBLIOGRAFIA

ANTUNES, Fátima. *O Futebol nas fábricas*. São Paulo, In: *Dossiê Futebol*. São Paulo, Revista USP, junho/julho/agosto, 1994.

BURKE, Peter. *O que é História cultural?* Rio de Janeiro, Zahar, 2005.

- CERTEAU, Michael. *A Invenção do Cotidiano*. Artes de Fazer. Rio de Janeiro, Vozes, 1994.
- FALCON, Francisco J. Calazans. *Utopia e realidade*. In: História & Utopias. Orgs: MONTEIRO, John Manuel e BLAJ, Llana, 1996.
- GINZBURG, Carlo. *O Queijo e os vermes: O cotidiano e as idéias de um moleiro perseguido pela inquisição*. São Paulo, Cia das Letras, 1987.
- GONÇALVES JUNIOR, René Duarte. *Friedenreich e a reinvenção de São Paulo: Futebol e a vitória na fundação da metrópole*. São Paulo: USP Dissertação de Mestrado, 2008.
- FAUSTO, Boris. *Conflito urbano e trabalho social*. São Paulo, Difel, 1976.
- FRANCO, Hilário Junior. *A Dança dos Deuses – Futebol, sociedade e cultura*. São Paulo, Companhia das Letras, 2007.
- HELENA JUNIOR, Alberto. *Palmeiras: a eterna academia*. São Paulo, DBA, 2002.
- LOBATO, Monteiro. *Literatura do Minarete*. Obras completas. São Paulo, Brasiliense, 1964.
- LEME, Maria Cristina da Silva. Urbanismo: a formação de um conhecimento e de uma atuação profissional. In: BRESCIANI, Maria Stella (Org). *Palavras da Cidade*; Porto Alegre: UFRGS, 2001. p 77-93.
- LEVI, Darrell E. Levi. *A família Prado*. São Paulo: Cultura 70 – Livraria e editora, 1977.
- MILLS, John. *Charles Miller: O pai do futebol brasileiro*. São Paulo, Editora Panda Books, 2005.
- MORAES, José Geraldo Vinci de. *Sobrados Paulistanos: final do século XIX ao início do século XX*. Rio de Janeiro, Editora Bernal, 1997.
- MORSE, Richard. *Formação Histórica de São Paulo*. São Paulo, Difusão Européia do Livro, 1970.
- MOTTA, Marly Silva. *A nação faz 100 anos*. A questão nacional no centenário da Independência. Rio de Janeiro, Editora da Fundação Getulio Vargas-CPDOC, 1992.
- OLIVEIRA, Lucia Lippi. *Nós e eles: relações culturais entre brasileiros e imigrantes*. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2006.
- ORTIZ, Renato. *Cultura brasileira e identidade nacional*. São Paulo, Brasiliense, 1989.

PARK, Robert. A cidade: sugestões para a investigação do comportamento humano no meio urbano. In. VELHO, Octávio Guilherme. *O fenômeno urbano*. Rio de Janeiro, ZAHAR, 1979.

QUEIROZ, M Isaura P. de. *Ufanismo paulista*. São Paulo, Revista USP, nº 13, 1998.

RAGO, Margareth. Trabalho feminino e sexualidade. In DEL PRIORI, Mary (org.). *História das mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto/UNESP, 1997.

SCHPUN, Mônica Raisa. *Beleza em jogo; Cultura física e comportamento em São Paulo anos 20*. São Paulo, Boitempo, 1999.

SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como missão. Tensões sociais e criação cultural na Primeira República 2ª edição*. São Paulo, Companhia das Letras 2003.

_____. *Orfeu estático na metrópole: São Paulo, sociedade e cultura nos frementes anos 20*. São Paulo: Cia das Letras, 1992.

STORTI, Valmir e FONTENELLE, Andre. *A História do Campeonato Paulista*. São Paulo, Publifolha, 1997.